Heloneida Neri

1) Antropologia e História identificam, ao longo dos tempos, em diversas sociedades, organizações sociais baseadas na hierarquização de gêneros. Seria possível pensar uma sociedade em que esta hierarquização de gêneros não exista?

É interessante lembrarmos que o movimento feminista organizado teve início no século XX, quando as mulheres passaram a reivindicar o direito à educação, ao trabalho e à sexualidade livre. Nos anos setenta, surgiu o conceito de gênero que, segundo Olga Espinoza (no livro A mulher encarcerada em face do poder punitivo), "seria a construção cultural e social sobre um corpo sexuado. O sexo apareceria como um dado e o gênero como a marca cultural sobre o sexo, como a elaboração cultural do feminino e do masculino. Além disso, o conceito de gênero foi introduzido como uma categoria analítica que permitia classificar fenômenos e aspectos das relações entre as mulheres e homens até então silenciadas, ignoradas ou expostos como naturais. Através do gênero como categoria se procurava explicar as persistentes desigualdades e as relações de poder". Porém, segundo essa autora, o gênero caiu na mesma armadilha que havia pretendido evitar, na medida em que essa categorização provoca a homogeneização da diversidade e a imposição de uma identidade única. Sonhamos com uma igualdade de direitos mas, ao mesmo tempo, testemunhamos estarrecidos o fato, recente, de uma menina de 15 anos de idade, colocada em uma cela com vinte homens, em um estado governado por uma mulher e onde alguns dos atores do Direito envolvidos na situação também eram mulheres. Temos um longo caminho pela frente... É muito delicado fazermos previsões nesse sentido.

2) Existiria uma subjetividade feminina? Pode-se responder o que é 'ser mulher'?

Podemos dizer que existem especificidades na subjetividade feminina. Freud se interrogou sobre o desejo e a sexualidade feminina através da célebre pergunta: Che vuoi? Ou, o que queres? Mais precisamente, o que quer uma mulher? Assim interrogamos o feminino a partir do seu desejo. Para a psicanálise, o feminino é um instrumento conceitual, enquanto uma posição discursiva. Desta forma, apesar de ser um lugar mais freqüentemente ocupado pelas mulheres, também é freqüentado por homens. Como responder ao que é "ser mulher"? Recorro à poesia, nos versos de Elisa Lucinda: Cuidado, moço / às vezes parece erva, parece hera / cuidado com essa gente que gera /essa gente que se metamorfoseia / metade legível metade sereia. / Barriga cresce, explode humanidades / e ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar / mas é outro lugar, aí é que está: Cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita... / que vai cair no mesmo planeta panela.

3) Políticas públicas, não somente no Brasil, mas em outras democracias representativas, são cada vez mais direcionadas a grupos identitários específicos (mulheres, negros, indivíduos GLBT, idosos). Este movimento indica uma incapacidade do Estado em prover os direitos e garantias aos cidadãos de forma universal, ou representa um aspecto positivo da política?

Não creio que possamos responder a isso de maneira excludente. É evidente que no Brasil enfrentamos dificuldades com a incapacidade do Estado em garantir os direitos universais aos cidadãos. Falta vontade política para a resolução de problemas ligados à saúde, à educação e à segurança. Por outro lado, observamos o surgimento de grupos

sociais identificados por características específicas e com necessidades próprias que ganham visibilidade e reivindicam políticas nesse sentido e esse me parece um aspecto positivo.

4) Em relação à sua atuação na SEAP, quais são as especificidades do trabalho desenvolvido com mulheres? Gostaria que explicasse como era o trabalho que você desenvolvia no Sistema Penitenciário, em qual unidade atuava.

Meu contato inicial com a instituição carcerária foi uma experiência marcada pela angústia de não saber o que fazer naquele lugar. As primeiras impressões foram terríveis: o mau cheiro, a péssima iluminação dos corredores e o barulho das portas e grades de ferro (com seus enormes cadeados). Naquele momento, nada do que eu havia realizado antes, em termos profissionais, parecia fazer sentido ou ser pensado naquele contexto. Penso que em uma instituição prisional, empreendemos uma construção de trabalho que envolve a insistência e a criação de variados modos de intervenção. O lema, velado (mas nem tanto), de vigiar e punir presente na instituição penal exige um esforço particular para delimitar um campo de atuação possível e distinto de outros discursos. A instituição prisional feminina, como campo de trabalho para o psicólogo, coloca algumas interrogações muito particulares. Parti das inquietações nascidas do engajamento nesta experiência, em especial daquelas que se revelaram um desafio permanente, pois mesclavam, simultaneamente, variáveis institucionais e peculiaridades subjetivas ligadas ao confinamento penitenciário. Nessa experiência de escuta, encontrei alguns fatores recorrentes na delinqüência feminina, tais como o amor, o ciúme e a vingança, freqüentemente inseridos no relacionamento com um companheiro**.** Na maioria dos atos transgressivos das mulheres, o amor, em sua dimensão de esperança ou de equívoco, aparece como causa. A experiência de prisão para as mulheres é muito mais dramática do que para os homens. Para elas a sexualidade é reprimida, o acesso à informação é limitado e muitos direitos são negados. Várias mulheres presas são chefes de família e ficam muito angustiadas com o destino dos filhos e com a possibilidade do envolvimento deles com a criminalidade. Esse é um dos aspectos cruciais nas aflições que surgem com a detenção de mulheres. As mulheres que cumprem pena dividem celas e alojamentos de condições precárias. São, em sua maioria, jovens e apresentam baixa escolaridade. Algumas estão grávidas e outras se encontram na Unidade Materno-Infantil, onde os bebês podem permanecer durante o período da amamentação. Poucas conseguem manter os vínculos familiares após a prisão e outras viviam nas ruas, carecendo de noções mínimas de higiene e cuidados com a saúde. Podemos dizer que a escuta de mulheres encarceradas, a sua forma de pensar, agir e falar sobre a prisão, é fundamental para compreendermos o que a vida neste espaço é capaz de produzir nos sujeitos envolvidos em um processo que envolve, ao mesmo tempo, punição e "reinserção" social. Desse lugar é possível realizar rupturas no instituído, romper a lógica carcerária na direção de um instituinte não fragmentário, não mortificante. Na minha experiência, além do atendimento clínico individual de detentas, reunimos (éramos duas psicólogas na unidade) grupos de gestantes e acompanhamos aquelas que se encontravam em situação de isolamento como punição por indisciplina, promovíamos discussão em grupo após a exibição de filmes e participamos ativamente da criação da Sala de Leitura. Essa experiência originou a criação de um Grupo de Trabalho, envolvendo colegas de outras unidades femininas com o objetivo de produzir uma interseção entre teoria e prática, voltada para uma produção de conhecimento que também integre nossas observações e vivências a partir de eixos temáticos tais como gênero feminino, criminalidade e instituições ligadas à execução penal.

5) Como a questão de gênero está inserida na Psicologia e como profissionais da área podem contribuir para eliminação de estereótipos?

Creio que a inserção dessa questão se dá através de estudos e pesquisas no campo universitário, mas, principalmente através de uma prática que privilegie a transdisciplinaridade. Podemos contribuir para eliminação de estereótipos quando orientamos nossa prática numa direção contrária aos estereótipos. Quando trabalhamos em instituições e privilegiamos o diálogo com outros saberes, quando nos posicionamos de maneira que nossas intervenções possam, em alguns momentos, estar articulada à de outros profissionais. O trabalho deve ser orientado para intervenções que extrapolem as questões individuais.